

PAÍS NEGOCIA EMPRÉSTIMO

Dinheiro do Japão poderá garantir acordo com bancos

11 MAR 1992

O Brasil está negociando com os países-membros do Clube de Paris a concessão de empréstimos que sirvam de garantia para o acordo a ser firmado com os bancos privados. Segundo o presidente do Banco Central, Francisco Gros, a principal fonte é o Eximbank do Japão, que tem uma linha de crédito especial para esse tipo de garantia.

Gros deu entrevista após explicar os termos da negociação com o Clube à Comissão de Economia e Finanças do Senado, a quem compete ratificar os acordos externos assinados pelo Brasil. Dos senadores presentes, apenas Eduardo Suplicy (PT-SP) e Mário Covas (PSDB-SP) se opuseram aos resultados conseguidos pelo Brasil no dia 26 de fevereiro. Suplicy teme o aumento da expansão monetária para a compra de moeda es-

trangeira e Mário Covas teme que o governo não respeite o limite mínimo de divisas cambiais em caixa fixado pelo Senado.

O presidente do BC garantiu aos dois parlamentares que não haverá expansão monetária nem falta de divisas. Segundo Gros, o governo estipulou US\$ 4,1 bilhões para pagamento ao Clube de Paris e US\$ 6,9 bilhões aos bancos privados, entre 1992 e 1993.

O maior problema, contudo, é encontrar garantias que satisfaçam os bancos. Até há pouco tempo o Brasil estava disposto a oferecer US\$ 2 bilhões, enquanto os bancos exigiam US\$ 5 bilhões. Para se chegar a um meio termo, os bancos estão dispostos a recuar em seu pedido, mas o Brasil terá de acrescentar algo a sua proposta.

Gros destacou também que o Brasil vai oferecer aos bancos a

possibilidade de converter, sem descontos, os títulos de dívidas externas contraídas pelo País com os bancos a partir de 1988.

Críticas

Gros e seus auxiliares enfrentaram críticas ferozes da própria esposa do presidente do BC, Isabel Gros, após a sessão. Enquanto ele dava entrevista, ela dizia em voz alta que a equipe não tinha fornecido com clareza os números pedidos pelos senadores. Isabel Gros é economista e comerciante em Brasília, e foi convidada por Gros.

“O que eles queriam saber era quanto sobriaria de dívida depois de 1993, e isto vocês não responderam porque não sabiam”, reclamou Isabel ao diretor de Assuntos Internacionais do BC, Arminio Fraga, que acompanhou Gros.